

Comunicado de imprensa – 1 de setembro de 2016

O magnificat de Madre Teresa de Calcutá recolhido por Chiara Lubich

*“Aquilo que você faz, eu não posso fazer. Aquilo que eu faço, você não pode fazer”*¹. Esta era a saudação habitual de Madre Teresa de Calcutá a Chiara Lubich toda vez que a encontrava, e foram muitas as ocasiões.

São palavras que narram a “simples complexidade” da *“grande, íntima, profunda”* amizade entre elas, diria Lubich. Ela descreve assim o encontro que ocorreu no fim de maio de 1997, em um local pobre no Bronx, em Nova York, em uma cela do convento das Missionárias da Caridade.

*“Tive um encontro longo e inesquecível com ela. Estava de cama com fortes dores na coluna, em um ambiente pobre (...). O encontro foi uma exceção dada sua situação precária de saúde. Particular, alegríssimo. (...) Depois começou a falar e falar. Era a fundadora de uma Obra de Deus que falava com outra, bem mais indigna, e podia contar-lhe os frutos de toda a sua vida: casos de vida contemplativa e ativa (...), difusão em 120 países, projetos dificultados pelos governos (...). Falava do quarto voto que prevê servir com todo o coração os mais pobres dentre os pobres, os moribundos acompanhados ao Paraíso (...). Era o seu magnificat. Os poucos minutos concedidos pelo médico se transformaram em vinte. Pecado que não foi possível tirar nenhuma foto da Vida que havia naquele quarto, daquele colóquio que tinha sabor de Paraíso. Depois, nos despedimos com um abraço. Nunca me esquecerei daquele rosto e daquela alegria (...). Estou feliz por tê-la conhecido e por ter estado tão perto dela. Comecei a rezar não tanto por ela, mas ela por todos nós.”*²

E acrescenta em outra ocasião: *“Realizou o que o Papa [João Paulo II] define como gênio feminino, que está justamente naquilo que Maria tinha de característico. Ela não era tão dotada de um ministério, mas (...) era dotada de amor, caridade, que é o maior dom, a maior coisa que vem do céu.”*³

Em uma coligação telefônica com os membros do Movimento dos Focolares de todo o mundo em 25 de setembro de 1997, Chiara Lubich disse sobre ela: *“Madre Teresa é, de fato, uma mestra excelsa da arte de amar.*

Amava a todos de verdade. Não perguntava ao seu próximo se era católico, hinduísta ou muçulmano, etc. (...)

Madre Teresa certamente era a primeira a amar. Era ela que ia em busca daqueles que Deus lhe havia confiado.

Madre Teresa, mais do que ninguém, via Jesus em cada pessoa: “A mim o fizeste”, de fato, é o seu lema.

Madre Teresa se fazia um com todos. Ela se fez pobre com os pobres, mas sobretudo como os pobres. Assim se diferencia da simples assistente social (...) ou dos que fazem voluntariado. Ela não aceitava nada que os pobres não possuíam.

É famosa, por exemplo, a sua renúncia e de suas religiosas de uma simples máquina de lavar, renúncia que muitos não compreendem – dizem – nos tempos que correm. Os pobres não a possuem? Então, nem sequer ela.

Ela carregou, assumiu a miséria dos pobres, as suas penas, doenças, morte.

Madre Teresa amou a todos como a si mesma, oferecendo-lhes o próprio Ideal. Convidava, por exemplo, os voluntários que trabalhavam por um período na sua Obra a reconhecer a própria Calcutá nos lugares para onde cada um deles voltava, porque os pobres – dizia – existem em todas as partes.

*Madre Teresa certamente amou os inimigos. Ela nunca quis contestar as acusações absurdas que lhe dirigiam. Ela rezava pelos inimigos”*⁴.

Dois dias antes, à comunidade do Movimento dos Focolares na Emília-Romanha reunida em Rimini, Chiara confidenciou: *“Admiro Madre Teresa de modo especialíssimo pela sua determinação. Tinha um ideal: os mais pobres dentre os pobres. E permaneceu fiel. Toda a vida mirou neste único objetivo. Também nisto é para mim um modelo de fidelidade ao ideal que Deus me confiou”.*

Victoria Gómez (+39) 335 7003675 – Benjamim Ferreira (+39) 348 4754063

¹ C. Lubich, *Il suo “magnificat”*, Città Nuova, 25 de setembro de 1997.

² idem

³ Entrevista de Chiara Lubich à Rádio Vaticano sobre Madre Teresa de Calcutá, 10 de setembro de 1997.

⁴ C. Lubich, *Costruendo il “castello esteriore”*, Città Nuova, Roma 2002, p. 25-28.